

LITERATURA: DA FORMAÇÃO HUMANA AO DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO CRÍTICO

Juliana Aparecida Melo Almeida Silva Mangussi (UPM-SP)¹

RESUMO: Contextualiza-se a literatura como elemento indispensável à formação humana, assim como para o desenvolvimento do pensamento crítico, pautados em um ensino que favoreça a formação de sujeitos críticos e protagonistas, capazes de assumir-se responsabilmente e que aprendam a dizer a sua palavra. Ressalta-se o papel do professor como mediador no processo de ensino e aprendizagem, enquanto sujeito leitor, que não se exclui diante aos posicionamentos, mas que compartilha as suas leituras, sem, contudo, impô-las. Nesse sentido, o presente artigo fundamenta-se, principalmente, nas teorias de Candido (2004) sobre o poder humanizador da literatura e Freire (2011, 2019) ao se referir sobre a formação humanizadora do sujeito. Dessa maneira, busca-se nesta pesquisa abordar a importância da literatura, na formação de um sujeito mais humano e que saiba se posicionar frente às leituras que faz, sejam elas de livros ou de mundo que lhe são propiciadas cotidianamente. Como resultado, o estudo evidenciou a literatura como direito a todos, capaz de contribuir com a formação integral do sujeito, uma vez que como poder humanizador, permite abrir caminhos para a reflexão, ter um olhar mais aguçado para a realidade, compreender o homem e o mundo e desenvolver a função crítica, possibilitando ter consciência de si, para dizer a sua palavra e fazer a sua história. Pretende-se que essa pesquisa bibliográfica possa contribuir com os educadores de áreas afins na reflexão sobre o seu papel no ensino de aulas significativas de literatura.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino; Formação; Literatura; Pensamento crítico; Sujeito.

ABSTRACT: Literature is contextualized as an indispensable element for human formation, as well as for the development of critical thinking, based on teaching that favors the formation of critical subjects and protagonists, capable of responsibly assuming themselves and who learn to say their word. It emphasizes the role of the teacher as a mediator in the teaching and learning process, as a reader subject, who is not excluded from the positions, but who shares their readings, without, however, imposing them. In this sense, this article is based on the theories of Candido (2004) about the humanizing power of literature and Freire (2011, 2013, 2019) when referring to the humanizing formation of the subject. Thus, this bibliographical research seeks to address the importance of literature, in the formation of a more human subject and one who knows how to position himself in front of the readings he makes, whether from books or the world that are provided to him daily. As a result, the study evidenced literature as a right for all, capable of contributing to the integral formation of the subject, since as a humanizing power, it allows opening paths for reflection, having a sharper look at reality, understanding man and

¹ Doutoranda em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, mestre em Linguística Aplicada pela Universidade de Taubaté, Pós-graduada em Gestão Escolar pela Faculdade do Noroeste de Minas e Pós-graduada em Leitura e Produção de Textos pela Universidade de Taubaté. Possui graduação em Letras - Língua Portuguesa, Língua Espanhola e Respectives Literaturas pela Universidade de Taubaté. Finalizando Pedagogia, pela UNIJALES. Atua como professora de Língua Portuguesa, Literatura e Redação no Ensino Médio em escolas particulares e Cursos Pré Vestibulares e Cursos de Pós Graduação em Alfabetização e Linguagem. Atuou como Professor Coordenador Formador na Secretaria Municipal de Educação de Campos do Jordão, por 12 anos. julianaapma@hotmail.com

the world and develop the critical function, making it possible to be aware of oneself, to speak their word and make their story. It is intended that this bibliographic research can contribute to educators from related areas in the reflection on their role in teaching meaningful literature classes.

KEYWORDS: Teaching; Training; Literature; Critical thinking; Subject.

*A maior riqueza do homem
é a sua incompletude.
Nesse ponto sou abastado.
Palavras que me aceitam como sou - eu não aceito.*

*Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas,
que puxa válvulas, que olha o relógio,
que compra pão às 6 horas da tarde,
que vai lá fora, que aponta lápis,
que vê a uva etc. etc.*

*Perdoai
Mas eu preciso ser Outros.
Eu penso renovar o homem usando borboletas.*

Manoel de Barros

INTRODUÇÃO

A mensagem contida na epígrafe, de autoria de Manoel de Barros (1998) parece ser uma análise atual sobre a importância da literatura na formação humanizadora de leitores, assim como, para o desenvolvimento do pensamento crítico. Para o autor, a maior riqueza do homem é a incompletude, o que dialoga com o que Paulo Freire (2013) pontua sobre a inconclusão do homem, que está em uma constante busca. Dessa maneira, os dois autores direcionam que o homem precisa ser o sujeito de sua própria história, não permitindo que o tracem caminhos, mas que ele mesmo o desvele a partir de seu conhecimento de mundo e ampliação de seus entendimentos.

Assim, o presente estudo amplia a discussão sobre a importância da formação de cidadãos conscientes de seu papel no mundo, por meio do trabalho com literatura, como quesito indispensável para a formação humana e, que assim saibam se posicionar criticamente frente às leituras que realizam.

Voltando à epígrafe, Manoel de Barros mostra a insatisfação na formação de um sujeito que apenas segue regras que lhe são impostas ou que se acostuma a viver em mundo rotineiro. Sobre isso, cabe salientar o grande papel que a literatura possui na formação de cidadãos

conscientes e mais humanos, mais uma vez dialogando com as ideias freireanas sobre o sujeito se autoconfigurar responsável e “aprender a escrever a sua vida, como autor e como testemunha de sua história, isto é, biografar-se, existenciar-se e historizar-se” (FREIRE, 2019a, p. 12).

Ao se referir sobre a construção de sua própria história, Freire (2019a) acentua a importância do outro para a constituição de sujeito, corroborando com o que Sanches Neto (2013, p. 100) salienta sobre a literatura, ao afirmar que ela “funciona como uma passagem para o outro, para o outro que me permite ser múltiplo, e, portanto, mais humano”, apontando assim, caminhos convergentes para a formação do sujeito.

Dessa maneira, esse estudo objetiva-se fazer uma contextualização da importância da leitura, mais especificamente da literatura e de seu ensino, na formação de um sujeito mais humano e que saiba se posicionar criticamente frente às leituras que faz, sejam elas de livros ou de mundo que lhe são propiciadas cotidianamente.

Em se tratando de formação de sujeitos é preciso levar em consideração a indicotomizável relação que o professor tem nesse processo e assim, espera-se que essa pesquisa possa contribuir com os educadores de áreas afins na reflexão sobre o seu papel no ensino de aulas significativas de literatura.

A metodologia e a organização da pesquisa consistem em contextualizar a literatura como elemento indispensável à formação humana, fundamentada pelos pressupostos de Candido (2004), Abreu (2006) e Paulo Freire (2011, 2019), apresentar as competências previstas na Base Nacional Comum Curricular, relacionadas ao desenvolvimento do pensamento crítico por meio da literatura e destacar como o ensino desta disciplina pode favorecer a formação de cidadãos críticos, de acordo com Sanches Neto (2013), Moisés (2016), Rouxel (2013) e Silvia (2019).

1. LITERATURA E A FORMAÇÃO HUMANIZADORA

Para considerar o poder humanizador da literatura, cabe salientar como este é definido por Antonio Candido:

(...) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (CANDIDO, 2004, p.180).

Dessa maneira, Candido (2004) defende que a Literatura atua no caráter e na formação do sujeito e faz uma correspondência aos direitos humanos. Ele esclarece que a literatura deve ser considerada como um bem incompreensível, já que corresponde a necessidades profundas do ser humano, podendo atuar como condição de humanização, e que aparece como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos, constituindo um direito a qualquer cidadão.

Mediante isso, para o autor, a literatura tem um papel formador da personalidade, que confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de viver dialeticamente os problemas. Ela atua sobre o indivíduo, transmitindo uma espécie de conhecimento, que resulta em aprendizado.

Candido (2004) reverbera que a literatura possibilita não apenas uma visão mais ampla do mundo, mas visões múltiplas deste universo. Desse modo, a literatura, por ser linguagem que oferece múltiplas interpretações, é matéria privilegiada para motivar e formar leitores. Ela permite que realidade e fantasia se fundam harmoniosamente e, por esse motivo, é necessário que na escola a literatura seja trabalhada não só como conhecimentos específicos, mas como uma matéria inestimável na formação do indivíduo em sociedade, tentando aproximar conhecimento e prazer.

Nessa mesma perspectiva, Abreu (2006) ressalta que a literatura é um meio de aprimoramento das pessoas e que a experiência da leitura literária: "(...) nos torna mais humanos, desenvolvendo nossa solidariedade, nossa capacidade de admitir a existência de outros pontos de vista além do nosso, nosso discernimento acerca da realidade social e humana". (ABREU, 2006, p. 81).

Abreu (2006) também salienta que a escola precisa ser o lugar, que além da literatura erudita, considera os livros preferidos pelos alunos, os diferentes objetivos de leitura e o poder de escolha dos leitores, pois eles "leem para agir, para pensar e para fruir" (ABREU, 2006, p. 85), desenvolvendo competências que contribuem com a formação de sujeito.

Sobre isso, cabe destacar que Candido (2004) ao mencionar a literatura como direito a todos pontua que não somente a literatura de massa é importante, assim como também não é correto considerar que só a literatura erudita precisa ser privilégio de alguns. Ele esclarece que a distância entre uma e outra literatura precisa deixar de existir, possibilitando a fruição da arte e da cultura a todas as camadas sociais.

Desta forma, Candido e Abreu corroboram sobre a importância de todas as literaturas para a formação humanizadora do sujeito, que precisa estar constantemente em experiências de diferentes leituras, propiciadas, principalmente, pelos ambientes escolares.

Sobre a formação humanizadora do sujeito é imprescindível enfatizar o que Paulo Freire (2019a) diz a respeito sobre o homem saber e poder dizer a sua própria palavra. Para ele, ao se concretizar tal ação, o homem “constitui a si mesmo e a comunhão humana em que se constitui, instaurando o mundo em que se humaniza, humanizando-o” (FREIRE, 2019a, p. 17).

Assim, para o homem saber e poder dizer a sua palavra, Freire (2011) também destaca a importância do ato de ler “que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou linguagem escrita, que se antecipa se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 2011, p. 19).

Em vista disso, Freire (2011) amplia o conceito de leitura, de modo que, nessa perspectiva, o conhecimento prévio, o olhar de mundo e os conhecimentos já adquiridos são importantes para a construção de significados de leitura, constituindo ferramentas essenciais para o sujeito que busca “ser” e “estar” no mundo.

Ao dizer sobre o sujeito que busca ser e estar no mundo, Freire (2019a) evidencia que com a palavra, o homem se faz homem e assume conscientemente sua essencial condição humana e que isso só será possível, a partir do momento em que ele aprende a ler, em que assume a consciência reflexiva da cultura, a reconstrução crítica do mundo humano, a abertura de novos caminhos e o projeto histórico de um mundo comum, salientando assim, mais uma vez, a importância da leitura para a constituição do ser humano.

De modo análogo, Geraldi (1996) afirma que aprender a ler, amplia as possibilidades de interlocução com as pessoas, capacitando os indivíduos para compreensão crítica e avaliação de modos de compreender o mundo, as coisas, as gentes e suas relações; sendo necessária para o seu projeto educacional, como para o seu projeto existencial, ou seja, além de ser um ato que se realiza no âmbito da cognição, também envolve o social, histórico e político.

Ademais, Abreu (2006, p. 82) acrescenta que a literatura aprimora a intelectualidade, o desenvolvimento de um sentido ético e um olhar mais aguçado sobre a realidade, permitindo que a enxergue melhor, incorporando a experiência vivida no contato com os textos às suas próprias experiências pessoais.

Consequentemente, Machado (2017) ressalta que a literatura colabora com aspectos do desenvolvimento humano, como auxiliar na formação do repertório cultural frente a situações de conflito moral e na transmissão de valores éticos, construindo o sentido de suas experiências, colaborando com a capacidade argumentativa e com a expressão de pontos de vista, capacidades tão necessárias à sociedade atual.

Desse modo, na visão desses autores, entende-se que a literatura é imprescindível à formação humana, uma vez que, assim como destaca Todorov (2009, p. 33), ela permite

“compreender melhor o homem e o mundo, para nelas descobrir uma beleza que enriqueça sua existência; ao fazê-lo, ele compreende melhor a si mesmo”.

Somado a isso, cabe mencionar o que a Base Nacional Comum Curricular, documento normativo, da política nacional da Educação Básica brasileira, homologado em 2017, reconhece nas práticas de leitura literária o “seu potencial transformador e humanizador” (BNCC, 2017, p. 87), além de destacar a relevância do campo artístico literário, relativo à participação em situações de leitura, fruição e produção de textos literários e artísticos, representativos da diversidade cultural e linguística, que favoreçam experiências estéticas:

(...) a potência da arte e da literatura como expedientes que permitem o contato com diversificados valores, comportamentos, crenças, desejos e conflitos, o que contribui para reconhecer e compreender modos distintos de ser e estar no mundo e, pelo reconhecimento do que é diverso, compreender a si mesmo e desenvolver uma atitude de respeito e valorização do que é diferente. (BRASIL, 2017, p.139).

2. A LITERATURA NA BNCC E O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO CRÍTICO

Sabe-se que na sociedade hodierna, com o advento das novas tecnologias, demandas de profissões, cada vez mais desafiadoras, e com a quantidade e rapidez de informações que os indivíduos estão submetidos, há uma preocupação e necessidade para uma formação de pessoas que saibam lidar com diferentes situações, posicionando-se criticamente, com criatividade, autonomia e protagonismo.

Nesse cenário, a escola, como ambiente formador de cidadãos protagonistas e críticos, precisa estar atenta a essas demandas, propiciando espaços de aprendizagem, principalmente, no que diz respeito às práticas que envolvem a língua materna, em que a literatura está inserida, nos quais os alunos sejam o centro do processo educativo e que o professor seja o mediador de práticas pedagógicas significativas, contribuidoras para a formação integral dos alunos.

Posto isso, a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, p. 25) apresenta as competências que “pretendem assegurar, como resultado do seu processo de aprendizagem e desenvolvimento, uma formação humana integral que vise à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva”. Além de destacar os direitos de aprendizagem e de desenvolvimento de todas as etapas e modalidades de ensino da Educação Básica para a formação integral de cidadãos, especificamente na área de Linguagens, que tem a responsabilidade de propiciar

oportunidades para a consolidação e a ampliação das habilidades de uso e de reflexão sobre a língua, destaca na competência 2 para o Ensino Médio:

Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza. (BRASIL, 2018, p.492).

Assim, o documento pontua sobre a necessidade de os alunos estarem imersos em práticas de aprendizagem que analisem e compreendam as circunstâncias sociais, históricas e ideológicas, presentes na pluralidade dos discursos, posicionando-se sobre eles, “valorizando e respeitando as individualidades, as diferentes ideias, pautando-se por valores democráticos, de forma reflexiva, cooperativa e empática, sem preconceitos e buscando o diálogo” (BRASIL, 2018, p. 492).

Somado a isso, a competência 3, da BNCC para o Ensino Médio, reverbera que é necessário propiciar aos estudantes o uso de:

(...) diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global. (BRASIL, 2018, p.493).

Nesse contexto, com a aquisição dessa competência, espera-se que os estudantes ampliem o uso das linguagens de maneira crítica, fazendo uso delas de maneira posicionada, assumindo uma postura ética e que respeite as diferenças.

Sob o mesmo ponto de vista, o documento ainda salienta sobre a literatura, na competência 6, para o Ensino Médio, na área de Linguagens:

Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas. (BRASIL, 2018, p. 496).

Dessa maneira, com o desenvolvimento dessa competência,

espera-se que os estudantes considerem suas experiências pessoais e coletivas, e a diversidade de referências estéticas, culturais, sociais e políticas de que dispõem, como também articulem suas capacidades sensíveis, criativas, críticas e reflexivas, ampliando assim os repertórios de expressão e comunicação de seus modos de ser, pensar e agir no mundo. (BRASIL, 2018, p. 496).

Sobre isso, o documento da BRASIL (2018), ao destacar que a literatura enriquece a percepção e a ampliação da visão de mundo, ela cria um universo que permite aumentar a capacidade de ver e sentir, o que conflui com o que Moisés (2016, p. 75) realça ao afirmar que, a literatura “dá conhecimento, aguça a visão do mundo real e exerce uma função crítica”. Assim, nota-se que a Literatura pode contribuir com uma prática educativa significativa, objetivando-se a ampliação do desenvolvimento do pensamento crítico, criatividade e protagonismo.

3. O ENSINO DA LITERATURA E O PAPEL DO PROFESSOR PARA A FORMAÇÃO DO PENSAMENTO CRÍTICO

Para Sanches Neto (2013), o trabalho com a literatura deve ser aquele que dá a chance “de atuar sobre nós” (SANCHES NETO, 2013, p. 100), com o “papel de construção ou de reconstrução do eu” que permite uma tarefa transformadora e uma “ampliação de olhares sobre o mundo, interior e exterior” (SANCHES NETO, 2013, p. 101).

Nessa mesma perspectiva, Morin (2000) menciona o ensino da literatura como eixo principal do processo de educação pleno do ser humano, ao destacar que para:

(...) a educação do futuro, é necessário promover grande remembramento dos conhecimentos oriundos das ciências naturais, a fim de situar a condição humana no mundo; dos conhecimentos derivados das ciências humanas, para colocar em evidência a multidimensionalidade e a complexidade humanas, bem como para integrar (na educação do futuro) a contribuição, inestimável das humanidades, não somente a filosofia e a história, mas também a literatura, a poesia, as artes (MORIN, 2000, p.48).

Por conseguinte, Moisés (2016) evidencia que o ensino da literatura é essencial aos estudantes para ampliar os horizontes, entendendo melhor o que a obra diz, tanto como abrir os seus significados, quanto mostrar como eles são criados, na linguagem do autor, elevando progressivamente o nível dos alunos, alargando seus repertórios e aprimorando a sua proficiência linguística.

Ademais, Moisés (2016) valida os porquês de se estudar a literatura, o que dialoga com Morin, sobre adquirir conhecimentos, a reflexão da complexidade humana e com o que ela destaca sobre ampliação de repertórios e ampliação dos horizontes. Para isso, ela garante:

(...) porque ensinar literatura é ensinar a ler e, nas sociedades letradas, sem leitura não há cultura; porque a capacidade de leitura não é inata, mas adquirida; porque os textos literários podem incluir todos os outros tipos de texto que o aluno deve conhecer, para ser um cidadão apto a viver em sociedade; porque os textos literários são aqueles em que a linguagem atinge seu mais alto grau de precisão e sua maior potência de significação; porque a significação, no texto literário, não se reduz ao significado (como acontece nos textos científicos, jornalísticos, técnicos), mas opera a interação de vários níveis semânticos e resulta numa possibilidade teoricamente infinita de interpretações; porque a literatura é um instrumento de conhecimento do outro e de autoconhecimento; porque a literatura de ficção, ao mesmo tempo que ilumina a realidade, mostra que outras realidades são possíveis, libertando o leitor de seu contexto estreito e desenvolvendo nele a capacidade de imaginar, que é uma necessidade humana e pode inspirar transformações históricas; porque a poesia capta níveis de percepção e de fruição da realidade que outros tipos de texto não alcançam. (MOISÉS, 2016, p. 80).

Sobre o ensino da literatura, ainda cabe salientar o que Rouxel (2013, p. 20) aponta como sendo aquele em que deve prever a “formação de um sujeito leitor livre, responsável e crítico- capaz de construir sentido de modo autônomo e de argumentar sua recepção”. Para a autora, esse ensino deve instituir o aluno como sujeito leitor, em que parte da recepção do aluno, ao mesmo tempo em que ele é convidado a se aventurar nas inúmeras interpretações possíveis, de modo que corra os seus próprios riscos, reforçando suas competências pela aquisição de saberes e de técnicas.

Para Rouxel (2013) os saberes dos alunos sobre os textos devem ser considerados, assim como as experiências anteriores de leitura, que os motivarão a determinar alguns saberes já implícitos, assim como também os saberes sobre si, em que os alunos expressam o seu pensamento pessoal e de um julgamento de gostos assumidos. A autora salienta que tais práticas deixam de existir, conforme os alunos vão crescendo, mas que é preciso infundir-lhes confiança para que ousem pensar a partir de si próprios, apostando na subjetividade.

Acerca disso, a autora também pontua sobre a necessidade de incentivar os saberes sobre o ato léxico. Para ela, da mesma forma que se deve incentivar a subjetividade, também é conveniente ensinar aos alunos evitarem a subjetividade desenfreada, para que não ocorra o delírio interpretativo. Para que isso ocorra, há a necessidade de se desenvolver a reflexividade crítica, para que os estudantes sejam “capazes de compreender que existem muitas maneiras de ler e que uma leitura socializada impõe regras” (ROUXEL, 2013, p. 22).

Outros aspectos apresentados pela pesquisadora, que contribuem com essa questão, referem-se à literatura ensinada. Para ela, é necessário que, no momento da escolha das obras, seja considerada a diversidade de gêneros, assim como a diversidade geográfica das obras produzidas. Isso permitirá o afinamento dos julgamentos de gostos e a aquisição de conhecimentos de culturas e lugares. Dessa maneira, os estudantes extrairão um ganho ético e estético, que os ajudarão no “desenvolvimento do gosto de ler quanto à construção identitária e ao enriquecimento de sua personalidade” (ROUXEL, 2013, p. 24), contribuindo para a formação crítica do leitor.

Outrossim, Rouxel (2013) acentua a importância do papel do professor, enquanto sujeito leitor para o ensino de literatura. Para ela, o professor é um sujeito leitor, que possui a sua própria leitura do texto, que não se exclui diante aos posicionamentos, compartilha as suas leituras, sem, contudo, impô-las. Por outro lado, é o responsável por estabelecer um contexto de leitura, onde reina a confiança, o respeito e a escuta mútua auxiliando aos alunos, através da leitura sensível da literatura, a se construírem sujeitos leitores e a construírem a sua humanidade.

Sobre o papel do professor, é fundamental enfatizar o que Silva (2019) ressalta sobre os grandes desafios contemporâneos para o ensino, principalmente quando se pensa na educação para a “transformação do sujeito, no desejo de que ele abandone a passividade e assuma o protagonismo” (SILVA, 2019, p. 19). A respeito disso, ele destaca que é preciso buscar uma educação que faça sentido, em que os professores sejam mediadores do saber e que estejam sempre atentos às concepções de ensino que mudam conforme o momento, o espaço e o público.

Nesse entendimento, o autor valida que é essencial pensar a educação como processo, em que “deve-se partir de saberes empíricos e afetivos para chegar aos saberes das demandas culturais, sistemáticos. Um saber pautado na experiência não pode ser apagado por um saber formal” (SILVA, 2019, p. 18). Dialogando com o que Paulo Freire (2019a) afirma sobre a importância do sujeito pensar o mundo por meio de suas vivências e expressando juízos por meio de sua experiências.

Nessa perspectiva, ao se referir sobre o ensino da literatura, Silva (2019) aproxima-se, mais uma vez, dos pressupostos freireanos, sobre o papel do professor no processo educativo, assim como sobre o ensino contextualizado, significativo e próximo da realidade dos estudantes, ao apontar que os discursos literários jamais são neutros, pois uma obra está sempre em processo, requerendo uma leitura aberta, não fazendo concessões, ou se rendendo à dissimulação dos espaços sociais e políticos, tampouco tolera seu uso em benefício de um

fundamentalismo. A priori, “ela promove uma emulação dos espaços de poder, assumindo também uma postura, sem se impor arrogantemente” (SILVIA, 2019, p. 20).

Diante do exposto, é essencial endossar o papel do educador para o ensino da literatura e ao referir-se sobre ele, Silva (2019) compreende o professor como o mediador na descoberta do poder do texto literário, em que o foco do trabalho deve ser pelo eixo ético, mais do que os eixos históricos ou estéticos. Para se ensinar literatura é imprescindível estar consciente de que ela é obra humana, assim como Candido (2004) já salientava, além de ser elaborada também pelo eixo da criticidade, conforme designa Paulo Freire: (...) quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender, tanto mais se constrói e desenvolve o que venho chamando ‘curiosidade epistemológica’, sem a qual não alcançamos o conhecimento cabal do objeto” (FREIRE, 2019b, p. 26).

Assim, o ensino da literatura deve ser conduzido criticamente, em um processo de constante busca, que permita incentivar a curiosidade, partindo de uma reflexão sobre o próprio mundo dos alunos, de modo que não seja uma transferência de saberes, mas uma construção significativa de aprendizagem, que aborda questões relevantes, relacionadas à complexidade humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa discussão, buscou-se apresentar a importância da literatura e de seu ensino para o desenvolvimento do pensamento crítico, na formação de cidadãos conscientes de seu papel no mundo e que saibam se posicionar frente às leituras que realizam, além de ser considerada, condição indispensável na formação humana.

O estudo evidenciou a literatura como direito a todos, capaz de contribuir para a formação integral do sujeito, uma vez que como poder humanizador, permite abrir caminhos para a reflexão, ter um olhar mais aguçado para a realidade, compreender o homem e o mundo e desenvolver a função crítica, possibilitando ter consciência de si, para dizer a sua palavra e fazer a sua história.

Cabe agora voltar ao que Manoel de Barros evidenciou em seu escrito “a maior riqueza do homem é sua incompletude” e a dialogicidade freireana sobre a inconclusão do homem. Sobre isso, observou-se que a literatura é capaz de contribuir com formação integral do sujeito, abrindo caminhos na busca de conhecimentos e descobertas, ampliando os horizontes para uma construção significativa de aprendizagem.

Outrossim, é imprescindível elencar o papel da escola, como ambiente formador de cidadãos protagonistas e críticos, que precisa estar atenta a essas demandas, propiciando espaços de aprendizagem, principalmente, no que diz respeito às práticas que envolvem a língua materna, em que a literatura está inserida, nos quais os alunos sejam o centro do processo educativo e que o professor é o mediador, frente às questões formativas do sujeito.

À vista disso, sobre o papel do professor frente ao ensino da literatura é indiscutível que ele também seja um sujeito leitor, que compartilha seus posicionamentos, sem, contudo, impô-los, propiciando um ensino que faça sentido, por meio das vivências e experiências dos alunos, abordando os aspectos da complexidade humana de maneira crítica e significativa.

Por fim, é evidente notabilizar como os autores aqui pesquisados, assim como os documentos oficiais (BRASIL), ao destacar as competências da área da linguagem, reconhecem na literatura o seu potencial transformador e humanizador, que objetivam a ampliação do posicionamento crítico, por meio de um ensino ético, com a valorização das experiências pessoais que contribuirão com a construção identitária.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Cultura Letrada: literatura e leitura**. São Paulo: Unesp, 2006.
- BARROS, M. **Retrato do artista quando coisa**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2018. Disponível em: < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 03 jun. 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.
- CANDIDO, Antonio. "O direito à literatura". In: **Vários escritos**. 4ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades, 2004.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam**. 51 ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 1 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 60 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019 (b).
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 71. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019 (a).
- GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação**. Campinas, Mercado das Letras, 1996.

MACHADO, Ana Maria. **A literatura como direito**. Revista *Educatrix*, ano 7, n. 13, p. 36-43. Moderna, 2017.

MOISÉS, Leyla Perrone. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2. ed. – São Paulo: Cortez ; Brasília, DF : UNESCO, 2000.

MORIN, Edgar. **Revista Prosa Verso e Arte**. <https://www.revistaprosaversoearte.com/os-sete-saberes-necessarios-educacao-futuro-edgar-morin>. Acesso em: 04 jun. 2021.

ROUXEL, Annie. "Aspectos metodológicos do ensino da literatura". In: DALVI, M. A; REZENDE, N. L; JOVER-FALEIROS, R. (Org.). **Leitura de Literatura na Escola**. São Paulo: Parábola, 2013. p. 17- 33.

SANCHES NETO, Miguel. **O lugar da literatura: ensaios sobre a inclusão literária**. Londrina: Eduel, 2013.

SILVA, Claudicélio. "Da literatura como travessia: é impossível ensinar literatura?". In: LEURQUIN, E; COUTINHO, F. (Org.). **Literatura e ensino**. Campinas (SP): Mercado das Letras, 2019. p. 15-31.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

Recebido em: 15/06/2021

Aprovado em: 19/07/2021

Publicado em: 12/08/2021